

Âncoras e Fuzis

Ano III / Nº 11 - 1º de julho de 2001

EDITORIAL

Fuzileiros Navais! A 11ª edição de *Âncoras e Fuzis* focaliza os exercícios táticos de dupla ação com o uso de sistemas de monitoração eletrônica e a carga do Combatente Anfíbio. Introduz a coluna Fuzileiros Navais no Mundo, de caráter eventual, que este mês retrata os FN espanhóis. Destaca, ainda, a criação de mais uma força anfíbia multinacional na Europa, além de inovações tecnológicas, como o emprego dos MAC Bill a partir de lançadores montados em carros de combate. As colunas PENSE e DECIDA desta edição apresentam temas logísticos, que certamente desafiarão e atrairão o interesse e a criatividade dos nossos leitores.

Divulgamos, também, a classificação atual das OM no *Prêmio Âncoras e Fuzis*, instituído com o propósito de incentivar a participação dos Fuzileiros Navais e das OM, premiando aqueles que, no decorrer do ano, mais contribuirão com a nossa publicação. Se sua OM não aparece no “ranking”, ou não está bem posicionada, ainda há tempo para participar e obter uma boa classificação, pois serão computadas todas as matérias enviadas até o final do ano.

Para este número, *Âncoras e Fuzis* contou com a colaboração de combatentes do Batalhão Riachuelo, Batalhão Humaitá e Companhia de Polícia do Batalhão Naval. Participe, sua contribuição, independente de posto ou graduação, é muito importante para o sucesso de *Âncoras e Fuzis*.

Relembramos que sua colaboração poderá ser feita das seguintes formas: 1) respondendo às situações descritas na coluna DECIDA; 2) enviando sua interpretação sobre as idéias expostas na coluna PENSE; ou 3) enviando pequenos artigos, sobre temas táticos ou técnicos, que considere de interesse para o combatente anfíbio. No caso desta edição, você também poderá participar enviando suas idéias sobre as ET. Envie diretamente ao Departamento de Estudos e Pesquisa do Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais pelo MBMail (30@comcfn), internet (30@cgcfm.mar.mil.br) ou pelo Serviço Postal de Marinha.

ADSUMUS

EXERCÍCIOS TÁTICOS DE DUPLA AÇÃO

No início da década de 1980, os primeiros exercícios de dupla ação explorando sistemas de engajamentos táticos baseados na tecnologia laser começaram a ser realizados nos EUA. Desde então, esses exercícios têm adquirido importância tal, que hoje são considerados, por muitas das forças mais respeitadas do mundo, como essenciais para o adequado preparo do poder combatente.

Desde os engajamentos iniciais do tipo soldado-soldado e carro-carro usando sistemas do tipo MILES (Multiple Integrated Laser Engagement System), a execução dos exercícios já evoluiu de tal modo que, em determinados centros de treinamento dos EUA e da Europa, podem ser conduzidos exercícios de dupla ação envolvendo forças de valor brigada. Alguns dos mais importantes centros de treinamento existentes atualmente são: National Training Center (NTC), Califórnia; Joint Readiness Training Center (JRTC), Louisiana; Combat Maneuver Training Center (CMTC), Alemanha; Centre d'Entrainement Au Combat (CENTAC), França; e Tactical Training Center, Israel.

Nos últimos 20 anos, tem sido bastante significativa a contribuição dos exercícios de dupla ação, com emprego de sistemas baseados em laser, para o aprestamento das unidades que neles tomaram parte. As vantagens deste tipo de adestramento residem principalmente

no fato de conferir um maior grau de realismo, permitindo que táticas e procedimentos possam ser testados e observados em situações mais próximas das encontradas em combate. Paralelamente, o estado atual da arte permite que cada engajamento ocorrido durante um exercício deste tipo possa ser monitorado, de tal forma que, ao seu encerramento, estarão disponíveis valiosas informações, que, uma vez consolidadas e analisadas, possibilitarão a realização de uma abrangente crítica, envolvendo todos os participantes.

Ainda há, contudo, divergências quanto ao valor de tropa apropriado para participar dos treinamentos. Os americanos entendem que exercícios realizados com o emprego de brigadas apresentam resultados altamente satisfatórios. A sofisticação chega a tal ponto que alguns de seus centros de treinamento dispõem de brigadas inteiras cuja a tarefa é atuar como força inimiga (OPFOR), empregando para tanto, armamento, táticas, técnicas e doutrina soviética. Os franceses, por sua vez, entendem que treinamentos deste tipo não podem ser executados “de forma intensa e adequada em níveis superiores a batalhão”, sendo mais indicadas para o nível companhia.

Apesar dos desenvolvimentos tecnológicos já alcançados, em todos os sistemas ainda persistem algumas dificul-



dades para a correta avaliação de determinados tipos de engajamento, especialmente daqueles que envolvem o emprego de meios aéreos, tais como apoio aéreo aproximado, defesa antiaérea, emprego de VANT e combate ar-ar. A expectativa é de que nos próximos anos estas dificuldades possam ser atenuadas pela incorporação de novos instrumentos de avaliação.

O CFN, compreendendo a importância deste tipo de treinamento, já levantou e priorizou a necessidade de um sistema do tipo MILES, cuja aquisição deverá ocorrer em breve, em função da disponibilidade de recursos.

PRÊMIO ÂNCORAS E FUZIS

Resultado parcial por OM
(Dados computados até 20/maio/2001)

- 1º lugar - CiaPolBtlNav - 12 pontos
- 2º lugar - 2ºBtlInfFuzNav - 6 pontos
- 3º lugar - 1ºBtlInfFuzNav - 1 ponto

A CARGA DO COMBATENTE ANFÍBIO

Estudos comprovam a existência de uma relação de causa e efeito entre o cansaço e o medo: homens amedrontados rapidamente se cansam e homens cansados amedrontam-se mais rapidamente. Transportando este ensinamento a uma tropa em combate, vemos que o combatente deve possuir um excelente preparo físico, além de transportar, em termos de carga individual, o menor peso possível, o que aumentará, também, a sua mobilidade.

Além disso, quando a carga transportada ultrapassa um valor denominado “carga de risco” – que é de quarenta por cento do próprio peso –, o combatente perde rapidamente as habilidades funcionais, aumentando o risco de acidentes. É errônea a concepção de que um árduo treinamento pode aumentar a capacidade de transporte de carga pelo homem, pois esta capacidade está mais ligada à condição humana – medos e limitações psicológicas – do que à força física.

Surge, então, um problema: preservar, ao mesmo tempo, a mobilidade individual do combatente e a sua capacidade de combater e durar na ação – esta última reflexo direto da carga que este transporta: água, ração, munição etc.

Imbuído da necessidade de aperfeiçoamento e modernização, visando um aumento do poder de combate, e preocupado com a higidez física do fuzileiro naval, o CFN iniciou amplo estudo para adequar a carga do combatente anfíbio quanto ao peso e funcionalidade. Decorrente desse estudo, várias medidas já foram adotadas visando diminuir o peso da carga transportada pelo combatente. Dentre elas, podemos citar a substituição dos fuzis FAL pelos M-16, cuja redução deu-se não só no peso do armamento, mas também no peso da munição a ser transportada, e a redução do peso da ração operacional.

Esse estudo prossegue e vários protótipos de equipamentos já estão sendo testados em algumas Unidades do CFN. O sucesso para vencer este desafio dependerá, em boa medida, do esforço daqueles que realizarão os testes dos protótipos. Portanto, caso sua OM venha a receber algum item para teste, participe e auxilie na avaliação, transmitindo suas opiniões e sugestões ao seu comando.

FUZILEIROS NAVAIS NO MUNDO:

TERCIO DE ARMADA *Fuzileiros Navais da Espanha*

A partir deste número, *Âncoras e Fuzis* passa a apresentar, eventualmente, informações a respeito das diversas tropas de Fuzileiros Navais espalhadas pelo mundo. Seu propósito é mostrar ao Fuzileiro Naval do Brasil aspectos peculiares de outras forças que possuem missões semelhantes à nossa.

Iniciaremos apresentando o Tercio de Armada (TEAR), os Fuzileiros Navais da Espanha. A Infantaria de Marinha espanhola foi fundada em 1537, sendo a mais antiga Força de Fuzileiros Navais existente no mundo. Ao longo de seus mais de 400 anos de existência, teve participação destacada em muitas



passagens da história espanhola. Dentre elas ressaltam-se a famosa Batalha de Lepanto, travada no Mediterrâneo, em 1571, contra o Império Otomano, onde a participação dos Fuzileiros Navais foi fundamental para a vitória espanhola.

Hoje, a Espanha conta com um efetivo de 7.000 Fuzileiros Navais, que possuem a tarefa principal de realizar operações anfíbias, além de prover a segurança de embarcações e instalações navais. A responsabilidade pela execução das operações anfíbias é do TEAR, que tem sede em Cadiz e o efetivo de 3.500 combatentes. O TEAR está composto por uma Brigada (BRIMAR) e de uma Unidade de Apoio. A BRIMAR está estruturada em torno de três unidades de manobra (dois batalhões de infantaria e um batalhão mecanizado, sendo este composto por duas companhias de infantaria mecanizada e duas companhias de carros de combate). As companhias de carros de combate estão equipadas com carros de combate M-60A3 e Scorpion. Essa situação permite que a BRIMAR, mesmo sendo uma Brigada leve, possua poder de combate suficiente, mobilidade e ação de choque.

As unidades de manobra são apoiadas por um batalhão de artilharia (com uma bateria obuseiros autopropulsados M109A5 155mm e duas baterias de obuseiros 105mm), um batalhão de armas especiais (com mísseis anti-carro TOW), um grupo aéreo (onde estão lotados os controladores aéreos avançados e uma bateria de mísseis superfície-ar Mistral). A BRIMAR possui, ainda, uma companhia de operações especiais e um grupo de apoio de serviços ao combate.

De forma a assegurar a necessária capacidade de projeção, o TEAR conta com o apoio dos navios anfíbios do Grupo Delta da Esquadra espanhola. Dentre esses navios, ressaltam-se a existência de dois NDD(H) da classe Galícia recém-incorporados e dois NDCC da classe Newport. Está prevista para os próximos anos a construção de mais um navio da classe Galícia. Com estes cinco navios, a Esquadra espera poder transportar toda a BRIMAR (2.500 fuzileiros navais) com os apoios necessários.

Dentre as atividades recentemente desenvolvidas pelo TEAR, podemos destacar sua participação nas forças da OTAN, que têm atuado nos Balcãs desde 1992 (IFOR e SFOR). O TEAR também é parte integrante da Força Anfíbia Hispano-Italiana (SIAF), criada em 1997.



Navio Anfíbio Holandês HrMs Rotterdam

NOVA FORÇA ANFÍBIA MULTINACIONAL NA EUROPA

Em dezembro de 2000, foi assinado o acordo para a criação de mais uma força anfíbia multinacional, no âmbito da União Européia, reforçando a crescente tendência de integração militar no continente. O novo empreendimento, denominado European Amphibious Initiative, congregará as forças de fuzileiros navais de Holanda, Inglaterra, Espanha, Itália e França, que são as principais disponíveis na Europa.

Este empreendimento parece dar continuidade a outros, já em andamento na área de forças anfíbias, como a SIAF (Força Anfíbia Hispano-Italiana), UK/NL (Força Anfíbia Anglo-Holandesa) e CAFMED (Força Anfíbia Conjunta do Mediterrâneo).

A importância destas forças anfíbias no cenário europeu tem sido de tal monta que praticamente todos os países envolvidos estão investindo pesadamente no desenvolvimento e na fabricação de novos navios anfíbios. Além dos projetos de construção italiano, francês, inglês e espanhol, já apresentados na edição nº 9 de *Âncoras e Fuzis*, merece também destaque o projeto para construção do novo navio anfíbio holandês.

Trata-se do segundo navio anfíbio a ser projetado e construído na Holanda e que deverá entrar em serviço até 2007 (o primeiro, em atividade desde 1998, foi o HrMs Rotterdam). Enquanto o Rotterdam foi projetado prioritariamente para transportar um batalhão de fuzileiros navais, o novo navio deverá dedicar-se ao transporte das facilidades de comando e controle, unidades de apoio ao combate e apoio de serviços ao combate, além dos meios logísticos. A intenção da Marinha Holandesa é que o novo navio possa ser utilizado como capitânia para qualquer das forças anfíbias multinacionais. Com a entrada em serviço de mais esse navio, ingleses e holandeses esperam adquirir capacidade para deslocar o efetivo completo de sua UK/NL (que tem valor brigada) para qualquer lugar no mundo.

Bill é montado em Carro de Combate

A Suécia está realizando testes visando a permitir que o MAC Bill possa ser lançado a partir de reparos montados sobre carros de combate. Os testes iniciais estão sendo realizados utilizando-se o carro de combate CV9040A, também de fabricação sueca (Bofors Defence), dotado de canhão 40mm/L70 e metralhadora 7,62 mm coaxial.

As adaptações necessárias incluem a instalação de um aparelho de pontaria estabilizado no topo da viatura (Lemur) e de um lançador duplo para o MAC Bill, montado na lateral direita da torreta. O lançador permanece rebatido para baixo até o momento do uso.

O aparelho de pontaria Lemur possui, na realidade, uma arquitetura modular, sendo, em sua constituição típica, dotado de visor diurno e câmara térmica ou intensificador de imagens, para uso noturno e em condições meteorológicas adversas, além de, opcionalmente, telêmetro laser e calculador. O Lemur pode ser usado em importantes aplicações, tais como: controle de tiro contra alvos terrestres e aéreos, apoio a observadores avançados e controle de mísseis anti-carro, tais como o Bill.

Com essas adaptações, os carros de combate poderão ser capazes de lançar os MAC Bill 1, utilizados por Áustria e Suécia, além do Brasil, assim como o recém desenvolvido Bill 2, cujo processo de produção deverá ser completado até o final deste ano. Dentre as principais modificações introduzidas pelo Bill 2, destaca-se o fato de atingir o alvo pelo topo, permitindo assim a destruição de carros de combate dotados de blindagem reativa explosiva.



Carro de Combate CV9040A com o aparelho de pontaria Lemur (o lançador MAC Bill, montado à direita da torreta, não está visível)

DECIDA Logístico

São 1630hs de D+1. Você é o OfLog da sua unidade (GDB-3) que encontra-se no curso de operações ofensivas terrestres de caráter naval. O tempo apresenta-se chuvoso desde o Dbq, estando a tropa desgastada, particularmente pela ação do frio. O GDB, que conta com o apoio da CiaVtrBld, havia realizado há pouco um ataque coordenado de Btl, tomando com sucesso o Obj 02. O combate fora difícil e prolongado, particularmente porque as condições climáticas impossibilitaram, e ainda o fazem, o emprego da aviação em apoio. Os suprimentos Classe III com as SU encontravam-se em níveis perigosamente baixos, estimando-se que somente dariam para rechaçar, com restrições, um contra-ataque Ini, o qual mostrava-se iminente. Havia um grande número de baixas em todas as CiaFuz, cerca de 15 feridos e 5 mortos em cada uma delas, que não puderam ser evacuadas devido os intensos fogos indiretos que o Ini regularmente desferia sobre as EPA. O PelSvG, que mobiliava a ILS-GDB encontrava-se a 4 km à retaguarda, com 6 caminhões atropetados com munição após eficiente ressuprimento realizado por pressão pelo BtlLogFuzNav, núcleo do GASC. Na posição do PS-GDB, encontram-se 4 ambulâncias da CiaS prontas para evacuem as baixas para a AAPSvCmb à retaguarda. Os dois médicos da unidade foram feridos em ação de patrulha Ini na ILS. Toda a tropa encontra-se com ração e água para mais 24 horas de luta. Existe uma Vtr M-113 com avaria que impede seu reboque com os meios disponíveis na frente. O oficial de operações assessorou o comandante do GDB para que a unidade prosseguisse atacando imediatamente após consolidar o Obj conquistado. O Cmt chamou o Sr. ao PC e perguntou-lhe – o que você acha ..., podemos prosseguir?

Descreva a assessoria a ser dada ao comandante, justificando-a, e como o Sr. resolveria os problemas logísticos existentes.

Lembre-se – Logística adequada é poder de combate!

Resposta do “Decida” Anterior – “Âncoras e Fuzis nº 10”

Abaixo transcrevemos uma das soluções recebidas pela nossa redação. A solução a seguir foi proposta pelo **Capitão-Tenente (FN) Marcelo José Spezapria Cardoso**, do Batalhão Humaitá:

1 - Fatores da decisão

a) **MISSÃO:** Escortar um comboio de duas vtr 2½ Ton civis de ajuda humanitária pertencentes a uma ONG até um hospital local com viaturas orgânicas da 2ªCiaFuzNav, a fim de contribuir para a realização de uma operação de paz.

b) **INIMIGO:** Efetivo aproximadamente de um GC, portando armamento ostensivamente.

c) **TERRENO:** Via de acesso balizada por estrada, em princípio, livre de minas AP e AC; obstáculos na estrada, consistindo de barricada que impede deslocamento de vtr e pessoal.

d) **MEIOS:** Duas VBTP, uma vtr 2½ Ton da 2ªCiaFuzNav, e duas vtr 2½Ton civis; armamento orgânico do PelFuzNav; equipamento de comunicações/rede-rádio interna e externa ao comboio abertas; conhecimento da missão e das regras de engajamento.

2 - Que dispositivo adotaria com relação às viaturas do seu comboio antes de partir para o cumprimento de sua tarefa?

Seria adotado o seguinte dispositivo para as viaturas do comboio:

- Ponta de vanguarda: uma VBTP com o 1ºGC/1ºPelFuzNav embarcado;

- Elm de ligação: uma vtr 2½ Ton com o Cmt do pelotão e a 1ªET/2º GC/1ºPelFuzNav;

- Grosso: duas vtr 2½Ton civis, sendo uma vtr 2½Ton com a 2ª ET/2º GC/1ºPelFuzNav; e uma vtr 2½Ton com a 3ªET/ 2º GC/1º PelFuzNav.

- Ponta de retaguarda: uma VBTP com o 3ºGC/1ºPelFuzNav.

3 - Qual seria sua conduta ao deparar-se com a estrada bloqueada?

a) Realizaria um alto, mantendo a tropa embarcada ECD responder ao fogo inimigo e evitaria qualquer demonstração de força desnecessária;

b) Informaria ao escalão superior sobre a situação e a posição do comboio, mantendo o comandante da 2ªCiaFuzNav informado todo o tempo;

c) Realizaria um contato direto e verbal com o comandante do GC da frente, explicando a nossa missão e procuraria prosseguir no deslocamento mediante um acordo pacífico;

d) Caso houvesse resistência do comandante do GC da frente, eu solicitaria ao meu comando superior que encaminhasse o problema ao seu correspondente na frente ou, no caso de insucesso, ao Comandante do Batalhão de Proteção, tendo em vista que tais escalões poderiam resolver o caso diplomaticamente, liberando nosso deslocamento; e

e) Enquanto os entendimentos fossem mantidos nos escalões superiores, eu aguardaria ordens, mantendo o pelotão na mesma situação e, eventualmente, insistiria na liberação com o próprio comandante do GC da frente.

PENSE

“Um sólido plano logístico constitui a fundação sobre a qual qualquer plano de operação deve estar assentado. Se o apoio logístico necessário não puder ser fornecido às forças envolvidas, a operação poderá falhar ou, na melhor hipótese, resultar em sucesso apenas parcial.” - Almirante Spruance (Comandante da 5ª Esquadra Americana, 1946)

Abaixo publicamos a interpretação do PENSE do último número, enviada pelo Primeiro-Tenente (FN) **Anderson Veras Marques**, da **CiaPolBtlNav**, cuja resposta foi selecionada pela segunda vez consecutiva. Ao Tenente Veras, nossos cumprimentos.

“O Comandante moderno deve libertar-se das metodologias rotineiras e possuir um entendimento abrangente dos assuntos técnicos, para que possa estar em condições de, continuamente, adaptar suas idéias sobre a condução da guerra aos fatos e às possibilidades do momento” (Erwin Rommel, 1953)

A condução de qualquer tipo de operação beligerante não deve e não pode ser analisada ou observada como um modelo ou algo inflexível e permanente durante o transcorrer do tempo. É inegável, entretanto, e sabemos disso, que os conhecimentos de assuntos sobre guerras passadas, adquiridos por meio de leituras, documentários ou, até mesmo, por meio de filmes exibidos no cinema ou na TV, conduzem-nos a utilizar alguns procedimentos que também foram adotados no passado, talvez pelo emprego de estratégias julgadas inteligentes, adequadas à época e que, possivelmente, geraram um êxito operativo ou, ainda, por uma possível semelhança de condições, sobretudo de meios (material/pessoal) disponíveis. Mas, atualmente, graças aos constantes progressos de ordem bélica, tais conhecimentos, por si só, não são suficientes. Não basta repetir procedimentos vitoriosos do passado e esperar que estes se adaptem à nossa realidade atual. É preciso ir além. Pode-se dizer que muitos métodos de se conduzir uma tropa no passado, seja ofensiva ou defensivamente, já se tornaram rotineiros ou, até mesmo inadequados, graças não só às facilidades encontradas para o estudo de casos relativos a operações passadas, por ora ostensivos e debatidos, mas também pelas novas táticas de guerra que surgiram num passado não tão distante e que, certamente, já evoluíram. Chegou-se ao ponto de o mundo conhecer os chamados “ataques cirúrgicos”, muitos até nem tão precisos como se esperava, mas que, sem dúvida, mostraram um grande progresso tecnológico e operativo, não só de meios mas principalmente de capacidade humana.

O Comandante moderno, na tentativa de obter êxito em suas ações, deve aceitar e implementar transformações no seu modo de conduzir seus subordinados, mantendo, sobretudo, a criatividade, iniciativa e a liderança (praticamente, inerentes ao cargo) baseadas em conhecimentos e fundamentos, solidamente adquiridos durante o transcorrer de sua carreira (teoria e prática), a fim de que suas idéias estejam adaptadas à realidade atual (meios, conjuntura política, motivação e preparação dos homens, etc).

A idéia de que os homens que conduzem e “ganham” a guerra são somente homens bravos e fisicamente preparados já se tornou ultrapassada, pois sabe-se que o militar, investido ou não do cargo de comando, que percebe determinada ação, analisa os seus possíveis efeitos e decide mais rapidamente que outro, possui maiores chances de sucesso no desencadeamento de suas ações. Isto é a capacidade, bem verdade, adquirida durante anos de estudos e de vivência profissional, de adaptar suas idéias ou sua doutrina às situações e possibilidades do momento que vivemos. É necessário sempre adquirir novos conhecimentos.